

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Bom dia, estamos aqui no estúdio de gravação da Fumec para a oitava do Rubens Smith Riani, filho do ex-sindicalista, ex-militante político, Claude Smith Riani. Estamos na presença do Rubens, da Mariane, que ela é estagiária lá da COVEMG, e da Janaína, também estagiária da COVEMG. Vamos dar início à oitava do Rubens.

RUBENS RIANI: Oi. É, a nossa história familiar é bastante interessante, né. Papai, ele começou na questão sindical, um pouco da tradição, meu avô foi sindicalista, trabalhou, foi um grande sindicalista em Juiz de Fora, na área têxtil, mas o papai começou em função de melhorias de condições de trabalho, pessoal era todo muito pobre, né. A Companhia Mineira de Eletricidade em Juiz de Fora, ela detinha a parte de eletricidade, a parte de telefonia, a parte de transporte, então era uma grande empresa. E nessa luta ele foi como representante, aqui em Belo Horizonte, da Caixa de Assistência, depois foi na luta sindical, até criar um sindicato. A própria criação do sindicato já foi uma luta, né, ele era contra a saída ou a fragmentação dos sindicatos e, exatamente por ser contra, ele fez uma chapa de oposição, e acabou que a chapa de oposição foi a vencedora. A partir daí ele começou todo um trabalho em Juiz de Fora com pequeno sindicato, mais ou menos aí uns 120 associados, até chegar a ser o presidente da confederação nacional dos trabalhadores da indústria, CNTI. Então, quer dizer, em dez anos é uma carreira bastante meteórica, né, na vida sindical, e foi exatamente dentro dessa atuação sindical que ele também se projetou politicamente, né. O PTB tinha sido criado e em Juiz de Fora o PTB, à época, era dominado por parlamentares que não tinham essa verve sindical, essa luta dos trabalhadores, e ele então quis que esse partido dos trabalhadores fosse efetivamente representante dos trabalhadores. Então em Juiz de Fora, ele fez novamente uma chapa de oposição no diretório municipal do PTB, ganhou, e a partir daí então já veio toda uma trajetória que se mistura parte sindical e a parte política. A atuação dele era muito grande, então nessa atuação, isso ainda eu não era nascido, então todos esses relatos são tanto dele quanto da minha mãe, quanto de alguns dos meus irmãos, ele praticamente se ausentava de casa, né. Era uma luta gloriosa, mas ao mesmo tempo ausente da família. Mas ele sempre foi um pai muito presente na questão com relação a suas questões de diretrizes, com relação a questão de valores, principalmente questão ética, questão da honestidade, a questão do bem comum, a questão com relação a doação para questões da nossa comunidade, então de melhoria das condições da sociedade. Então isso era muito presente nele e também muito presente na minha mãe. E eu acho que a conjugação até desses dois personagens, meu pai e minha mãe, formou uma entidade que fortaleceu muito a nossa família para a gente poder suportar o que a gente suportou nesses períodos da ditadura. Não foi fácil, apesar de toda atuação dele, apesar de todo o dinamismo dele, não éramos ricos,

éramos pobres, morávamos em uma periferia em Juiz de Fora. Aqui em Belo Horizonte, mesmo sendo deputado, ele morava em um bairro também pobre, morava no Renascença, eu não cheguei a morar aqui em Belo Horizonte, vim para cá em 87, mas lá em Juiz de Fora nós morávamos em um bairro também que era considerado de proletários, né. Era um bairro de periferia, um bairro que estava sendo criado a pouco tempo e por empréstimo que ele conseguiu na Caixa de Assistência, então, quer dizer, é uma luta grande, né. E somos dez filhos, então imagine você ter uma família numerosa numa época difícil, numa época em que tanto o movimento brasileiro era conturbado, o movimento sindical muito conturbado, muitas conquistas foram feitas, né, até hoje várias dessas conquistas permanecem. Nós temos aí o 13º salário, que até hoje a gente recebe em função dessa luta, né. Nós temos várias garantias ao trabalhador com relação a segurança e saúde que persistem até hoje, que nasceram dessa época. Então, assim, além da previdência social, que hoje a gente está discutindo tanto aqui, que em seis meses querem fazer uma reforma da previdência, a lei da previdência lá foram sete anos de debate, né, com a comunidade sindical, com a comunidade política, até se ter uma lei digna para os trabalhadores. Então, era uma luta poderosa, era uma luta grande que trazia benefícios para a comunidade. Isso tudo a gente entendia, né, ausência do pai em relação a essa busca por melhoria das condições, não só da nossa família, mas de todas as famílias. Quando veio a Ditadura, foi um período bastante complicado, porque, apesar de ter nascido também em Juiz de Fora, o General Mourão Filho partiu com as tropas, papai estava no Rio, e mesmo com as tropas no Rio ele foi, falou na rádio pedindo que o povo resistisse ao que seria esse golpe, um golpe militar contra uma democracia. Não era das melhores democracia, porque estávamos trabalhando essa democracia, mas era muito melhor do que foi até 85. Não só para a nossa família, mas para todas as famílias. Nesse período, eu tinha três anos e a nossa casa, ela constantemente vigiada, né, até disse para a Janaína que me lembro muito bem, eu brincava no nosso quintal da casa e os soldados entrando. Então, assim, isso é muito complicado para até a gente entender, só fui entender isso mais tarde. Em servir exército, também fui o único lá de casa que serviu ao exército, por determinação inclusive do gabinete militar da presidência da República, eu tinha todos os quesitos para não servir, mas eu permaneci como civil por dois meses dentro do quartel em 79, aguardando ordens de Brasília, até que a ordem veio, que eu tinha que seguir carreira militar. Sou contra, sou pacifista, papai também é pacifista e toda a nossa família é contra violência, nós nunca tivemos nenhuma arma sequer, nós somos contra a questão de armas. Então mais uma violência que nos foi impingida, mas faz parte, outros sofreram muito mais do que isso. O quartel, apesar de o comandante ser uma pessoa também digna, honrada, ele tinha

que cumprir algumas determinações. Nessas determinações haviam sempre as provocações. A gente já estava acostumado com isso, né. Toda hora, ou os meus irmãos ou minha mãe, a gente escutava, falavam “os filhos dos comunistas”, “bem feito que o pai tá preso”, né, “fez, tem que pagar!” Fez o quê, né? O que nós fizemos enquanto família foi doar. Mamãe doou muito, meus irmãos também e papai mais ainda. Então acho que nós temos é que elevar sempre o nosso pensamento e faz parte dessa construção dessa nossa jornada aqui na Terra com relação a uma evolução, porque não faz sentido, nós só recebemos bonita, maus tratos, desconfiança, intolerância, contra ações de doação, de amor, de fraternidade. Mas faz parte, não vamos aqui chorar por isso. Nós temos que dizer que... Lutar muito para que isso não volte a acontecer no nosso país, nosso país é um grande país, apesar do que sempre fazem com ele, como estamos vendo recentemente, mas é um grande país, nós somos uma grande nação, acreditamos nisso e temos que construir esse processo. As botinas tentaram calar, mas não calaram. Papai foi afastado da gente por muito tempo. Eu me lembro bem, quando ele estava preso na Polícia Militar, no quartel lá em Juiz de Fora, e era o ano da bodas de casamento deles, bodas de prata. E o comandante deste batalhão era o primo da minha mãe, poderia se pensar assim: “bom, vai ter um pouco mais de tolerância, um pouco mais de entendimento”, foi exatamente o contrário, né. Se não fossem os soldados, os cabos, os sargentos que nos conheciam bem, porque o batalhão era no nosso bairro, todos moravam próximos, né, os filhos deles brincavam conosco, então eles nos conheciam bem, conheciam bem o papai, então isso não deixou que essa intolerância desse comandante chegasse tanto às vias de fato. Mas nessa boda, foi só pedido para ser celebrado uma missa, que inicialmente foi concedido, então nós fomos para lá, só que nós fomos e grande parte da população também foi para lá, então sem marcar nada, nós tínhamos aí em torno de dez mil pessoas na porta do batalhão querendo assistir à missa de boda de pratas do Riani e da Norma. Foi um grande testemunho para nós de solidariedade. Mas que o comandante interpretou como sendo um ato de terrorismo, de baderna e, por medo, não permitiu que ninguém entrasse, a não ser os familiares. Fizemos, foi uma grande celebração, foi bom, isso dava sempre mais ânimo a papai, né, que aprendeu a fazer trabalhos manuais, não fumava, mas recebia papel de maço de cigarro, ou dos colegas ou dos militares lá, para poder fazer cestinhos para a gente, então como nós passamos páscoa agora, eu me lembro muito bem que uma das primeiras cestinhas de coelhinho que eu tive, meus irmãos também, foi trabalho artesanal dele, uma cestinha feito de maço de cigarro. Então, assim, isso para nós era importante...